N.º 3 — 24 de Março de 1915

A IDEIA NACIONAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

N.º 3 24 de Março de 1915 ANNO 1.º

A IDEIA NACIONAL

REVISTA POLITICA BI-SEMANAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

SUMMARIO

EDITOR-ADMINISTRADOR: Antonio Rocha. Propriedade de Homem Christo Filho. Redacção, administração e officinas de comp. e imp. Rua de Arnellas — AVEIRO. Escriptorio em Lisboa — R. da Emenda, 30.

Escrevem n'A IDEIA NACIONAL:

Ramalho Ortigão
Conselheiro Ayres de Ornellas
Homem Christo (CARTAS DE LONGE)
Conselheiro Luiz de Magalhães
Lord Henry (PHILOSOPHIA POLITICA)
Conselheiro José de Azevedo Castello Branco
João do Amaral (O MEU DIARIO)
Conde de Sabugosa
Lourenço Cayolla (QUESTÕES COLONIAES)
Antonio Emilio d'Almeida Azevedo
Conselheiro Anselmo Vieira (QUESTÕES FINANCEIRAS)
Alberto Pinheiro Torres (QUESTÕES RELIGIOSAS)
G. Jean Aubry (QUESTÕES ESTRANGEIRAS)
Victor Falcão (NOTAS POLITICAS)
Etc., etc.

Toda a correspondencia relativa a esta Revista deve ser dirigida ao DIRECTOR.
Cada exemp. d'A IDEIA NACIONAL custa 50 reis.

REVISTA POLITICA

A Egreja e a Republica

O magestoso espectaculo que ha dias offereceu a Egreja da Graça em Lisboa é altamente significativo e veiu provar, depois da triumphal recepção que teve na sua archidiocese o snr. Arcebispo de Braga, da procissão de Villa do Conde e de tantas outras manifestações eloquentes, que a campanha anti-christã do snr. Affonso Costa e do seu miseravel bando não só não produziu os effeitos desejados como ainda contribuiu poderosamente para o rejuvenescimento do espirito catholico em Portugal.

Emquanto a frandulagem nacional, os corypheus do livre-pensamento republicano e maçon, pobres de espirito sem talento e sem cultura, sapateiros feitos rabequistas ou analphabetos feitos sociologos que fariam rir a Europa inteira com as suas tiradas se á Europa merecessem um minuto de attenção, emquanto esses safardanas pontificam contra a Egreja nos cafés e nas gazetas e perseguem implacavelmente os catholicos portuguezes, que constituem a quasi totalidade da nação; á mesma hora em que pela bocca do poltrão Affonso Costa elles promettem deschristianisar o paiz, com o applauso dos outros chefes republicanos, no mesmo instante em que elles affirmam os sentimentos livre-pensadeiros da cidade de Lisboa, milhares de pessoas se reuniam na Egreja da Graça para celebrar a entrega do templo á aggremiação religiosa a quem elle de direito pertence.

E emquanto as chafaricas do registro civil se dirigiam em cortejo ao Palacio de Belem para exercer pressão sobre o snr. Manuel de Arriaga afim de que não seja permittida a creação d'um templo

hespanhol em Lisboa, a cidade de Braga recebia com uma manifestação monumental o seu nobre prelado, que durante quatro annos soube resistir com um talento, uma elevação e uma coragem dignos de outros tempos ás violencias, aos ultrajes e ás infames perseguições que lhe tem movido os governos d'este regimen odioso e odiado.

A cretinada republicana que innundou este paiz, em vez de attentar na significação d'estas manifestações que todos os dias augmentam de importancia, em vez de se compenetrar do rejuvenescimento admiravel do espirito religioso que é um facto incontestavel em todo o mundo contemporaneo, acolhe com graçolas de mau gosto, laraxas de carroceiros mascarados de politicos e de homens de lettras, as imponentissimas manifestações catholicas a que estamos assistindo.

Na sua grande incultura, na sua formidavel myopia, na sua boçalidade ordinarissima, unica coisa que a par do crime o distingue, não viu o *Pombal do seculo XX* o singular papel, repetição d'aquelle que já desempenhou ao desabar da civilisação pagã, que a Egreja, n'esta hora solemne, está desempenhando no mundo.

Ella é agora, como então, o ponto de appoio, o centro de attracção e recurso supremo, no meio d'esta espantosa tormenta, d'este horrivel desvairamento, d'esta pavorosa allucinação em que tem cahido, desorientado, cego, desconjuntado e corrupto o mundo que surgiu do desvairamento, da allucinação e da podridão romana. Ella é agora, como nas epochas primitivas, a portadora e a depositaria da unidade e da pureza moral indispensaveis para que viva e perdure uma civilisação.

Ainda agora a guerra europeia veio uma vez mais provar a força moral da Egreja e os altos beneficios da sua influencia. Ao espirito christão se vae dever ainda o milagre da salvação da civilisação latina, ao espirito religioso e ás virtudes que elle inspira deve a França, que o anti-clericalismo minára, o seu triumpho n'esta lucta temerosa. São aquelles que os governos radicaes ainda hontem perseguiam, os catholicos, que pela sua abnegação, pelo seu amor patriotico e a sua infinita fé, fizeram a unidade moral da nação franceza, pondo termo ás discordias intestinas e oppondo uma barreira invencivel á nova invasão dos barbaros.

Se deixarmos a França e em globo encararmos o espectaculo tristissimo que os nossos olhos veem contemplando nos ultimos seis mezes, um facto a todos sobreleva: a formidavel victoria moral da Belgica que deu o exemplo das mais altas virtudes individuaes e collectivas, da honra, do patriotismo, da abnegação e da coragem, d'aquella unidade nacional e d'aquella força moral sem as quaes os homens e os povos succumbem irremediavelmente na hora das grandes provações.

Quem organisou a Belgica, quem a tem governado, educado e inspirado, quem fez d'ella, na paz, a nação mais livre e progressiva da Europa e na guerra a mais gloriosa?

Toda essa obra admiravel foi realisada por um povo essencialmente catholico, guiado pela doutrina christã e pela tradição religiosa, orientado pelo clero, governado durante trinta annos consecutivos por um governo catholico e monarchico.

Outro symptoma caracteristico do regresso á tradição catholica de que depende a salvação e o triumpho da civilisação latina de que ella é a base essencial, é o empenho com que todos os paizes, ainda aquelles que mais se affastaram, durante annos, do bom caminho, procuram hoje, n'esta hora de tragedia e de luto, approximar-se de Roma e renovar as relações com a Santa Sé, certos de que só a religião pode salvar-nos da nova e pavorosa invasão dos barbaros que são os inimigos da Patria, os inimigos da Familia, os inimigos da Propriedade, os destruidores inconscientes que de picareta em punho, proseguem ferozmente na demolição dos alicerces fundamentaes de todas as sociedades.

A missão social da Egreja é hoje mais vasta e mais bella do que nunca e a coragem dos seus fieis resurge e com ella a sua fé, a consciencia do seu alto papel na lucta formidanda que se vae travar. Fé que a purifica, consciencia que a disciplina, que lhe dá novos alentos e novo enthusiasmo, que conduz aos grandes triumphos depois de haver conduzido aos grandes combates.

Todos os dias, nos seus jornaes e nos seus discursos, os senhores que nos governam escarnecem dos sentimentos catholicos do povo portuguez.

Elles insultam a nossa Fé, enxovalham as nossas crenças, calumniam a nossa sinceridade. Que sabem elles do Universo, que sabem elles da Vida, das causas e effeitos, das finalidades e principios, dos segredos, do Mysterio?

E' o riso alvar da ignorancia ou a gargalhada cynica do *déclassé* que na vida só prosegue um fim: a satisfação d'um egoismo dementado, o goso material e estupido dos sentidos. Mas como é ridicula a pretensão d'estes caixeiros de mercearia arvorados em pensadores e homens de Estado, de destruirem o catholicismo com dois berros, dois decretos e quatro carbonarios!

Não basta, porém, que riamos do cretinismo d'esta garotada pretenciosa. Elles foram ao poder por um accaso. Manteem-se alli pela força, pela violencia. E' necessario que nos unamos n'um grande movimento de libertação do pensamento e das liberdades publicas escravisadas e os expulsemos, a bem ou a mal, do logar usurpado que occupam, porque elles levam o paiz a uma situação insoluvel. O ideal christão eleva o homem acima da animalidade grosseira, impõe-lhe obrigações, canseiras, sacrificios de toda a ordem. No momento actual em que um duello de morte se estabeleceu entre elle e as ambições, o egoismo, as paixões diabolicas que invadiram o mundo, esse ideal impõe-nos que nos unamos fortemente e opponhamos á corrente revolucionaria que tudo ameaça destruir e subverter entre nós, uma barreira inexpugnavel contra a qual virão quebrar-se, n'um desespero de raiva impotente, os esforços dos allucinados que uma litteratura cheia de falsos conceitos e ruins incitamentos affastou do caminho da verdade e do bem.

Ou sim ou não. Chegou o momento de trabalhar a sério. Chegou o momento dos catholicos portuguezes attentarem no presente e no futuro de seus filhos e de mostrarem que comprehendem e sabem o que lhes ensina e lhes impõe o ideal christão que permaneceu, atravez dos seculos, a mais bella concepção philosophica do pensamento humano.

E agora que, depois de mil provações e sacrificios, o snr. D. Manuel Vieira de Mattos, que foi dignissimo bispo da Guarda, entrou na archidiocese de Braga onde por certo continuará a prestar á Egreja

a quelles assignalados serviços que são a historia de toda a sua vida a *Ideia Nacional*, revista catholica, monarchica e conservadora, defensora das tradicções e da gloria d'um Povo christão entre os christãos, do seu posto de combate sauda o eminente ministro da Egreja e a seus pés depõe a homenagem do seu infinito respeito.

POR

LORD HENRY

Forças conservadoras

Não precisará o leitor que lhe demonstre que, n'esta altura da vida mental do mundo, já licitamente e intelligentemente se dê á palavra *conservador* a significação de *reaccionario*. Mas talvez precise que lhe chame a attenção para uma theoria muito em voga e que facilmente illude quem superficialmente a encare: a theoria do *opportunismo*. Aquelles que têm medo d'aquillo a que se chama abusivamente o reaccionarismo dos conservadores, e receiam aquillo a que muito legitimamente se chama a instabilidade dos radicaes, apresentam-se-nos como opportunistas. E explicam que o são porque entendem que as reformas e os processos estão e devem estar de harmonia com determinada epocha. Simplesmente não reparam que tambem os radicaes são ou se consideram opportunistas, pois não ha nenhum, por muito avançadas que sejam as suas ideias que as não julgue possiveis, realisaveis, de accordo com o estado da civilisação em que vivem. E se assim o não fizessem, passavam-se um diploma pouco airoso de loucos. Ora a verdade é que nas forças dominantes dos povos ha duas correntes fundamentaes: a dos conservadores e a dos radicaes. Pode cada uma d'estas correntes apresentar o maior numero de *nuances*, dispersar-se por varias formulas e cathegorisar-se em varios graus. No fundo, ha apenas os que querem adaptar (conservadores) e os que querem substituir (radicaes). Porque é n'esta maneira de attingir estadios superiores, servindo as aspirações progressivas dos povos, que está a differença essencial entre o que eu sou, conservador integral, e alli o meu visinho, radical de gemma. Eu não quero parar—que mais não seja pelo simples motivo de que não quero o impossivel, e parar é impossivel. Elle tambem não quer parar. Simplesmente, eu, para andar, não destruo o que existe: vou adaptando pouco a pouco, só substituindo quando tenho substituto, nunca deixando falhas, não permittindo nem concorrendo para soluções de continuidade. E elle não está com estas preoccupações: destroe, sem se importar com a falta que pode fazer o destruido. Eu substituo elementos sociaes, valores sociaes, por elementos e valores identicos; elle substitue-os por valores e elementos oppostos.

Eu faço do Passado as bases do Futuro. Elle faz o Futuro do contrario do Passado. O meu Futuro é argamassado nos elementos substanciaes do Passado. O Futuro d'elle é construido sobre elementos antinomicos do Passado. Exemplifico: eu não destruo a Religião, ou melhor, a crença religiosa: trato de a adaptar ás novas necessidades da vida, ás novas modalidades do Espirito. O meu visinho segue caminho opposto: destroe templos, arrasa cruzeiros, cospe nas imagens, prohibe a crença. Eu não destruo a Propriedade: adapto os seus direitos ás exigencias da realidade da vida. O meu visinho aniquilla-a. Eu não refundo um povo nas columnas do *Diario official:* eu aproveito o que esse povo tem de fundamental, de caracteristico, de tradicional, e faço-lhe soffrer a influencia da civilisação geral—pelo contacto, pela emigração e imigração, pelo exemplo. A Familia está constituida em ambitos muito apertados? Eu estudo a historia do lar, torno-a mais leve, mais *souple*, mas não a quebro e dissolvo com o Divorcio. E por aqui fora, eu sirvo o Progresso dos povos, aproveitando o que elles têm de estructural, de ethnico, emquanto que o meu visinho serve a Anarchia—com as suas violencias e as suas phantasias. Porisso o que eu faço, fica, é fecundo; e o que elle faz é instavel e ficticio. Não ha uma só conquista duradoira na historia dos Povos, que se deva á acção dos radicaes. Tudo quanto a civilisação attinge e conquista o deve á acção dos conservadores. Parece um paradoxo, mas não é. Tocqueville, escrevendo o seu monumental *L'Ancien Régime et la Revolution*, rasgou horisontes originaes e certos na historia social do mundo. E o espectaculo que nos está dando a Europa inteira n'este momento, denunciando clamorosamente a fallencia do radicalismo, comprova o nosso acerto. A Doutrina Conservadora é superior a facções politicas, a codigos doutrinarios especificos, e por isso se explica que ás vezes n'um paiz (exemplos: a França, Portugal) se encontrem no mesmo terreno commum, monarchicos e republicanos. Só homens de Estado incompetentes podem alarmar-se com esse facto e extranha-lo. Quem estudar nos livros e nos acontecimentos as conclusões modernas de Sociologia positiva, não só acceita esse facto como normal, mas mais ainda: prevê-o. E prevendo-o, estimula-o e aproveita-o. Ora acontece que, por uma d'estas bizarrias do Destino, muito mais facilmente se organisam os elementos dissolventes e anarchicos, do que os elementos conservadores. N'um povo com qualidades de vida, estes ultimos elementos constituem a grande maioria, e a sua sã disciplina é o sufficiente para cohibir os elementos contrarios na prática dos seus desmandos. Os elementos conservadores não são privativos de uma classe, como não são privativos de um regime politico: ha elementos conservadores em todas as classes e em todos os regimes. No Operariado e no Professorado, nas Profissões Liberaes e na Burguezia, na Burocracia e na Plebe—ha elementos conservadores que convem aos Povos trazer disciplinados, entendidos e organisados. E qualquer que

seja a forma politica nos Estados, esses mesmos elementos são valores imprescindiveis. Dispersos, nada valem — como todas as coisas dispersas. Organisados, valem muito ou podem tudo, consoante a firmeza da sua organisação. A Nação portugueza é fundamentalmente conservadora, tradicionalista: basta estudar um pouco (o que até é agradavel) o nosso folk-lore, para se constatar esse phenomeno. Infelizmente, os seus elementos conservadores não conseguiram até hoje sombra de organisação — d'onde esta anarchia mansa que caracterisa os ultimos cincoenta annos do seculo XIX e os primeiros 15 annos do seculo XX. Essa falta de organisação não se deve attribuir á não existencia de qualidades organisaveis das mesmas forças: deve-se sim explicar por não ter ainda havido ninguem com energia, decisão, intelligencia e aptidão para lançar hombros a tal empreza. As tentativas que até hoje têm apparecido, têm falhado mais pela inhabilidade de quem tenta tal obra, que pela rebeldia dos elementos a organisar. Paiz pequeno, tendo vivido duras horas de amargas experiencias, conhecendo, porque as tem supportado, as consequencias de todas as loucuras doutrinarias, de todas as phantasias ideologicas que a metaphysica politica gerou desde o seculo XVIII até hoje, Portugal está em condições de poder gosar, melhor do que nenhum outro, os beneficios da organisação dos seus elementos conservadores. Ha para ahi alguem, de competencia reconhecida, e adquirida no estudo consciente e reflectido da Sciencia Social, que queira dedicar-se a essa monumental obra de resurgimento nacional? Se ha — prosperos dias nos estão reservados. Se não ha, se a nossa *élite* mental não é capaz de apresentar um homem n'essas condições, a doença que nos corroe dominará e nós todos nada mais poderemos fazer alem de observar a queda fatal d'este sagrado povo — tão bom, no seu fundo moral, tão aproveitavel no seu fundo ethnico, tão digno de prosperidades e grandezas pelo muito que concorreu para a civilisação mundial.

De ha muito que o problema está formulado para o nosso espirito. De ha muito que, anciadamente, doloridamente, nós buscamos hombros mais fortes do que os nossos, pulsos mais rijos, e intelligencia mais vigorosa — para lhe transmittirmos todo o ardor da nossa alma, e todo o desejo do nosso cerebro — que esses ninguem os tem em maior grau. Por nós, fizemos já o que estava nas nossas forças. Pode a morte, amanhã, cerrar-nos as palpebras cansadas — que o nosso coração não sentirá o mais pequeno sobresalto de remorso, nem a nossa mão se crispará na loucura do arrependimento.

Lord Henry

O Conflicto Europeu

POR

AYRES DE ORNELLAS

A campanha de França

Entrando em Bruxellas a 20 d'agosto, as vanguardas allemãs estavam em La Fére, a 20 leguas de Paris no dia 30 do mesmo mez. Durante esse periodo tragico foramos successivamente assistindo ao desenrolar do plano tão audaciosamente annunciado de ante-mão pelo Estado Maior Allemão: fazer frente ás forças francezas e aguentar-lhe a offensiva na linha Belfort—Toul—Verdun, ao passo que o ataque pela Belgica, atravessado o Mosa entre Maestricht e Liège, penetraria em França pelo valle do Sambre flanqueado pelo exercito que atravez dos Ardennes viesse desembocar entre Givet e Mezières. E apezar da heroica resistencia dos belgas, apezar da invasão da Alta Alsacia, apezar das desembocaduras dos Vosges terem estado nas mãos dos francezes, apezar do desembarque do exercito inglez, elle fora-se desenrolando aos nossos olhos attonitos com uma tenacidade inflexivel, com uma força d'offensiva formidavel, impellindo como uma maré irresistivel os 8 exercitos allemães com os seus dois milhões de combatentes, ao embate do baluarte da raça latina.

A superioridade allemã estava até então affirmada: a mobilisação, a concentração, o desenvolvimento estrategico da immensa mole armada executara-se por forma impeccavel, como o avanço se effectuara, conforme o programma estabelecido. A massa gigantesca dos exercitos allemães, rotos os diques de Liège e Namur, varrera perante si a resistencia do exercito activo belga e repellira por completo as forças anglo-francezas em toda a frente da sua zona de cobertura. Não ha duvida: a entrada em campanha do Exercito Allemão era digna da sua grande reputação e correspondia ás melhores tradições da sua gloriosa historia.

Uma sombra, ainda leve, destacava apenas então n'este quadro; a estrategia allemã tinha um objectivo decisivo: por meio do *débordement* da ala esquerda franceza e da ameaça da sua linha de communicações com Paris, esmagar as forças do exercito activo. Necessitava, como Jagow o dissera ao Embaixador inglez, pôr fóra de combate a França antes de se voltar para a

Russia. Para isso, e só para isso, violára a neutralidade belga. Mas Joffre conseguira retirar as suas tropas da batalha de Charleroi, e continuar cedendo o terreno sem dar preza ao seu formidavel adversario, e Castelnau no flanco direito conseguira tambem estacar a arremettida inimiga no Grand Couronné de Nancy. O exercito francez recuava, mas não só não estava esmagado, mas nem mesmo batido em batalha decisiva. Pelo contrario, Laurezac em Guise, aguentava n'uma refrega sangrenta o impulso allemão e Joffre obtinha assim o tempo necessario para alcançar a linha Paris — Verdun. Isto é, não só os allemães não tinham conseguido de principio a surpreza estrategica pelo ataque *brusquée,* mas o objectivo estrategico da marcha rapida sobre Paris tinha já falhado.

Como se metteram os allemães pelo corredor entre Paris e Verdun sem prever o ataque que a existencia do Campo Entrincheirado de Paris no seu flanco impunha até? Seria a mesma cega confiança na sua força que os levava a impor a guerra ao mundo? Julgariam as forças de Joffre tão desmoralisadas como em 70? O que é certo é que o ataque de Mannoury sobre o Durq contra o flanco direito de von Kluck desequilibrou a estructura da linha de batalha allemã, que Sarrail aguentava heroicamente na extrema direita, emquanto Foch a rompia no centro. A 9 de setembro o movimento de retirada allemã é geral — e estava ganha a celebre batalha do Marne.

«A situação geral modificou-se completamente, dizia o communicado francez, tanto sob o ponto de vista estrategico como sob o ponto de vista tactico; não só aguentámos a marcha dos allemães, que estes julgavam já victoriosa, mas ainda o inimigo recua perante nós em toda a linha. A batalha começada ha cinco dias terminou com uma *victoria incontestada*».

Porque é que essa victoria se não tornou decisiva, porque se não transformou a retirada allemã n'uma derrota?

Porque ao Exercito francez faltára a meticulosa preparação do seu adversario. Como o notava o celebre critico militar do *Journal de Genève,* houvera erros militares determinados por causas politicas. D'um lado, o Exercito allemão alcançando o seu colossal poderio por um longo e paciente esforço dos seus chefes, tres chefes do Estado Maior General desde a morte de Moltke, e pelo tenaz e decidido appoio do Imperador. Do outro lado, trinta e tantos ministros da guerra no mesmo periodo de tempo, e a lucta nos ultimos dez annos de governo radical de toda a acção governativa contra tudo quanto constitue a força militar d'uma nação: a tradição, a hierarchia, o espirito militar, as crenças religiosas.

Como poude a França aguentar tão formidavel embate é o que se impõe á nossa admiração. E só queremos por agora destacar o esforço persistente, a

mestria tactica necessarias para trazer da Belgica até ao Aube o Exercito Francez, sem se deixar nunca immobilisar pelo adversario, conservando a liberdade de manobra, e approveitando as minimas occasiões, como em Guise, para contra-atacar com a ultima energia. A estas excepcionaes qualidades d'homem de guerra juntou Joffre a tempera de carater necessario para fazer acceitar ao seu paiz e ao mundo a manobra que concebeu, para libertar a capital do palratorio politico, impondo o governo para Bordeus ao mesmo tempo que impunha á nação o durissimo sacrificio de abandonar á invasão quasi um decimo do territorio nacional. Manter ainda n'uma retirada, illesa a confiança das tropas, trazidas *na mão* com tão seguro tacto durante essas tres semanas de extraordinaria emoção; arrumal-as para a batalha atirando-as para a frente com uma ordem do dia em que apellava para o que ha de mais sublimado na alma humana; aguental-as depois n'uma semana de lucta com um adversario inflamado pela ideia proxima do triumpho, orgulhoso da rapidez fulgurante do seu avanço e egualmente conscio da importancia da acção travada, tudo revela em Joffre o digno discipulo do Mestre cuja epopeia immortal deixou gravado um dos cantos derradeiros n'aquelle valle do Marne onde agora começava a soar o dobre funereo do germanismo.

Cunctando restituit rem, diziam os romanos do seu Fabio. Temporisando soube Joffre restituir ás armas francezas a victoria, tanto mais para admirar quanto é certo ter falhado a primeira manobra obrigando a alterar todo o alto commando do Exercito.

Era deveras difficil, senão impossivel deixar a Belgica aberta á invasão sem tentar deter a maré humana que batia as defezas do Mosa; deixando Castelnau na Lorraine e Dubail na Alsacia, Joffre ordenava o avanço pelo Luxemburgo belga aos exercitos de Ruffey e Langle de Cary; o 5.º exercito francez, Lanrezac, marcharia sobre Namur estabelecendo a ligação com o corpo expedicionario britannico de Sir John French, entre a Sambre e o Escalda. Foi a batalha de Charleroi. Mas nem o 3.º nem o 4.º exercitos poderam romper; a sua retirada descobriu o flanco de Lanrezac, e Sir John French teve que empenhar toda a tenacidade britannica para escapar á difficil situação militar em que a retirada geral o deixava.

Ora em tal momento, perante as falhas do commando, um general ordinario ter-se-hia provavelmente procurado apenas demorar e aguentar *o inimigo* nas successivas linhas de defeza que o territorio offerecia. Joffre resolveu desde logo não se empenhar com o inimigo senão para o atacar. A maneira como entre 26 d'agosto e 6 de Setembro preparou essa manobra, representa uma das mais completas e decisivas mudanças de situação que conhecemos em toda a historia militar. E ao conhecer a victoria do Marne a França reve-

lava ao mundo o nome de mais um dos grandes homens de guerra da historia, com uma pleiade de commandantes d'exercito, dignos emulos d'aquelles que esmaltam o seu glorioso livro d'oiro: Foch, o professor das admiraveis licções da Escola de Guerra, *Principes de la Guerre,* vivo, cheio *d'entrain,* homem de guerra completo; Castelnau, salvando Nancy no Grand Couronné, manobrador admiravel, simples, tranquillo, recebendo impassivel a noticia da morte heroica do filho, verdadeira figura á Catinat; de Mannoury, o commandante do Exercito da protecção de Paris, que se atirou no Ourq sobre o flanco de von Kluck, incansavel, cheio de folego e de mocidade; de Maudhuy agora ferido a trinta metros das trincheiras inimigas; Sarrail que aguentou o Kron Prinz na Argonne; Dubail, todos elles homens d'acção na verdadeira acepção da palavra, temperando os caracteres, elevando as almas, com uma tão alta comprehensão do commando! São officiaes do seu officio, é certo; são eminentemente especialistas, é verdade, mas acima de tudo são na sua plenitude, *homens de guerra.*

Como surgiram, de repente, desconhecidos a não ser dos profissionaes? Dizia-o a insuspeita *Gazeta de Francfort*—provinham d'aquelle admiravel espirito militar francez, *criação dos seculos.* Que soberba affirmação da força perenne e salvadora da tradicção nacional: criação dos seculos, isto é, d'aquelles que durante seculos fizeram a historia da nação; factores politicos, factores militares, é verdade, mas agrupados, coordenados pelos chefes da nação, os Reis de França, como depois os soube aproveitar e coordenar o vencedor de Iena! Os erros do regime actual, a sua imprevidencia, a acção politica influindo nas nomeações, «as razões militares originadas em causas politicas» na phrase já citada do coronel Feyler, tudo isso deu a retirada de Charleroi, impediu depois a perseguição a seguir á Marne, determinou a invasão de dez departamentos. Mas o espirito militar herdado da tradicção nacional, e o seu elemento d'acção, o Exercito, salvaram a França apezar do regime, e depois nas linhas do Aisne e do Yser, dando tempo á completa reorganisação militar da nação, e ao desenvolvimento do poderio militar da Gran Bretanha, aguentaram os embates formidaveis do poderio teutonico, e salvaram definitivamente a tradicção e a civilisação latinas do maior ataque conhecido.

Março—1914.

Ayres d'Ornellas

Questões Coloniaes

POR

LOURENÇO CAYOLLA

O problema de Angola

Esboçámos em periodos muito rapidos na ultima chronica quanto temos declinado em poucos annos no respeito e consideração que chegaramos a inspirar aos outros povos, devido aos erros successivos que praticámos tanto de caracter internacional como colonial.

Os homens que, a partir da mudança das instituições, o acaso collocou á frente do ministerio dos estrangeiros e do das colonias, não souberam comprehender os melindres e difficuldades da situação que se creara. Mais do que nunca tornava-se necessario procedermos com tino e elevado criterio, não usando d'outros processos que não fossem os dictados por uma extrema lealdade, para invalidarmos as cubiças e ambições que vagueavam á roda dos nossos dominios ultramarinos e que a substituição do regimen tornara mais insoffridas, pela convicção de que com elle chegara a melhor opportunidade de poderem ser satisfeitas. Urgia que as questões de occupação definitiva e insophismavel, de colonisação, de fomento fossem atacadas com a maior energia e decisão, sem que a metropole regateasse os sacrificios com que teria de arcar para as resolver. Era uma obra complexa, da maior magnitude, que reclamava de quem a tinha de dirigir dotes excepcionaes de saber e ao mesmo tempo de prudencia, energia e tenacidade. A pobreza de pessoal de governo que o partido triumphante evidenciou em todos os ramos de administração publica, mais funestamente se fez sentir na direcção dos negocios coloniaes. Nem um unico dos que passaram pela pasta das colonias possuia a preparação especial e as qualidades de administrador e de estadista que as circumstancias exigiam. E se houve infelicidade na escolha dos ministros, ainda mais ella se accentuou, com rarissimas excepções, na nomeação que elles fizeram dos seus delegados immediatos, dos que, á frente dos negocios das provincias mais importantes, careciam possuir um conhecimento consciencioso dos problemas que em cada uma d'ellas havia

a resolver e saber indicar as melhores soluções, de harmonia com as circumstancias locaes e com as influencias internas e externas que alli se debatiam.

O mais grave d'esses problemas era, no momento, sem duvida o d'Angola. Atravessava esta colonia, tão generosamente dotada pela natureza e tão digna de alcançar um prospero futuro, já ha annos uma angustiada crise economica. Tinha essa crise causas variadas, umas remotas, outras bem proximas.

Nos primeiros seculos de colonisação fizeramos dos seus vastissimos sertões um deposito de escravos, desprezando as culturas agricolas que lá poderiamos ter tentado e desenvolvido com o maior exito e roubando-lhe a energia dos seus braços, para a irmos applicar na valorisação de territorios bem distantes, principalmente dos do Brazil.

Limitámo-nos então a uma posse quasi exclusiva da costa, e o nome de Portugal era conhecido n'um ou n'outro ponto do interior mais pela audacia aventureira d'um ou outro dos nossos sertanejos do que propriamente pela acção dos governos. Alguns governadores illustres, entre os quaes se podem apontar os nomes de Antonio de Vasconcellos, de D. Francisco de Sousa Coutinho e Antonio Saldanha de Gama, haviam trabalhado intelligentemente, mas em esforços muito breves e intermitentes, para alastrarem e fortificarem a soberania da metropole e darem a Angola o caracter d'uma rica colonia de população. Apezar de tudo as condições admiraveis do solo, a benegnidade do clima em muitos pontos e a relativa proximidade da mãe patria, conseguiram reagir em grande parte contra a incuria e abandono a que o poder central systhematicamente votara aquella provincia, e foram-se pouco a pouco, especialmente em Mossamedes e nos planaltos, creando valiosos poços de colonisação e abrindo horizontes a uma agricultura prospera e largamente remuneradora. Nos ultimos annos do seculo XIX e nos primeiros do actual, a attenção dos governos convergira intensamente para essa colonia tão digna dos maiores disvelos e onde poderiamos effectuar uma obra admiravel, semelhante á que realisaramos formando o Brazil, uma das maravilhas da civilisação moderna e que tanto nos nobilitou como povo colonisador. Procurámos formar com segurança o dominio da metropole em toda a sua area, de norte a sul, de leste a oeste. Para isso empenhámo-nos na difficil occupação da Lunda e conseguimos victorias assignaladas nas campanhas de Bailundo, dos Dembos e dos Cuamatas. Rasgámos as entranhas da sua terra com linhas ferreas de penetração, elemento imprescindivel para o aproveitamento das suas riquezas. A de Ambaca, com o seu prolongamento ao interior da Lunda tem-nos custado enormes dispendios. A de Mossamedes á Uella agora mesmo nos está prestando serviços utilissimos, a do Lobito destina-se talvez a ser em poucos annos o troço da

linha de mais rapido accesso do occidente ao oriente, devendo ter por isso um assombroso futuro. Creámos estações de estudo, procurámos apressar a colonisação, animámos as emprezas agricolas e assim conseguimos que Angola se fosse desenvolvendo pouco a pouco, chegando essa colonia a ter dias de grande prosperidade. As suas principaes riquezas eram a borracha e o alcool. Muitos annos ella conseguiu fechar com saldos importantes o seu orçamento. Mas vieram primeiro a vibrar-lhe um profundo golpe na sua economia os effeitos das pautas excessivamente proteccionistas para o commercio e industria da mãe patria de 1892.

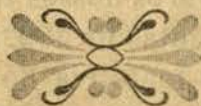
Paiva Couceiro no seu livro *Angola* demonstra que no periodo de 1893 a 1907 só a protecção dada aos algodões manufacturados no continente tirou ao cofre da provincia 9477 contos de receita. E quando Angola, mercê da expansabilidade da sua riqueza, reagia victoriosamente contra tão grande desfalque, deu-se a crise da borracha depreciando consideravelmente o valor d'este rico producto. Houve necessidade de effectuar guerras, que mais do que vidas ceifaram riquezas e prejudicaram o commercio e realisaram-se as conferencias em Bruxellas, que determinaram o anniquilamento de todo o organismo economico da provincia.

Essas conferencias nasceram da necessidade de se atacar de frente o vicio do alcoolismo, um dos males mais corrosivos e das causas mais intensas do enfraquecimento da raça negra. Na primeira, em que tomámos parte, a convite da Inglaterra e da Belgica, adoptaram-se medidas relativas á repressão do commercio da polvora e armas, ao trafico dos escravos e principalmente á importação, producção e consumo do alcool. N'esse sentido fixaram-se os direitos aduaneiros sobre o alcool em 15 francos por hectolitro nos tres primeiros annos e em 25 francos nos annos seguintes. Para o alcool de producção local creou-se um *droit d'accise*, que entre nós se interpretou como um direito de consumo, por ser essa interpretação a mais harmonica com os nossos interesses e a economia da colonia.

Realisara-se ella antes das pautas de 1892, mas não eram as suas resoluções, ainda moderadas e uma modesta tentativa do que depois se veiu a fazer, ainda de molde a prejudicarem a riqueza de Angola. Pelas referidas pautas fomos logo mais além do que a Conferencia deliberara e empenhámo-nos em dar uma compensação á provincia do mal que lhe causavamos pelos rigores do systema proteccionista. Para isso elevaram-se os direitos de entrada do alcool a 12:000 reis por hectolitro. Em 1895 augmentámos ainda em mais 50 o|o os direitos de entrada do alcool importado. Essas medidas determinaram um acrescimo assombroso na producção do alcool da região e a tal ponto que a importação do alcool extrangeiro desceu immediatamente a menos d'um decimo.

Na primeira das nossas chronicas iniciámos o estudo da situação de Angola,

por ser este o assumpto que na hora actual mais preoccupa as attenções do paiz e em especial dos que se interessam pelo futuro dos nossos dominios ultramarinos. Procurámos demonstrar que a razão fundamental dos perigos que nos ameaçam consiste principalmente na forma como nos temos guiado nas nossas relações internacionaes. Mas outras causas vinham de longe e que careciam ter sido estudadas e resolutamente combatidas. E' o seu conjuncto que constitue o que se pode chamar o problema de Angola. Resolvemos pois interromper as considerações que começaramos a fazer, para dar uma ideia muito synthetica e reduzida dos diversos factores d'esse problema. A esse proposito obedeceu o que acabamos de escrever. Mas a ennumeração embora rapida dos seus diversos aspectos não se pode fazer n'um unico artigo. Proseguiremos no immediato narrando o que succedeu nas conferencias de Bruxellas de 1899 e 1908 e quanto a riqueza da colonia e a soberania de Portugal foram soffrendo com a visinhança da colonia belga do Congo e das possessões allemãs do oeste africano, para se poder deduzir o caminho que deveriamos ter trilhado e infelizmente tão opposto era áquelle que na realidade percorremos.

Lourenço Cayolla

Cartas de Longe

POR

HOMEM CHRISTO

Joga as cartas, arreganha os dentes...

E, no entanto, a *figura geba* do soldado seria uma revelação de superioridade para o espirito menos observador. Ver homens da mais alta gerarchia, das classes mais ricas e elegantes, convertidos em *gebos* sem reluctancia nem murmurio, porque assim o impunha a disciplina militar e a economia do thesoiro, emfim os supremos interesses do paiz, nunca seria motivo de risos ou galhofas, nunca provocaria chalaças nem desprezos, mas admiração, em gente morigerada e com civismos. Ou isto, ou isso. Trinta annos mettido nos quarteis, por desgraça minha, vi muito bem, e sei, o que é isso. Vi a lucta formidavel que era preciso sustentar contra a tendencia innata que, para alterar o plano dos uniformes, tinham ahi esses meninos. E debalde. Nunca foi possivel — e os peores eram justamente os officiaes e os sargentos — manter n'esse ramo, como em todos, o respeito da disciplina. Cada um, sempre no sentido de se fazer *bonito*, é claro, uniformizava-se como queria. Chegou a ser escandaloso, em certos periodos.

Aqui... *é uma chapa*. Surgem-nos soldados *lapuzes*, os taes *gebos*, d'albarda ao lombo, albarda de panno ordinario e sem feitio, nos cafés mais chics, nos restaurantes da moda, nos theatros aristocraticos, nos sitios mais bem frequentados, muitas vezes ao lado de mulheres elegantissimas. E quem não sabe, quem não conhece a razão, quem não está habituado a vê-los, fica de bocca aberta e não raro pergunta: *O que é isto?*

E' o espirito da lei, do regulamento, da disciplina, levando sem esforço o rico e pobre, o aristocrata e o plebeu, o sabio e o ignorante, a vestir pelo mesmo modelo, a doptar o mesmo figurino. E, n'este paiz da moda, que dá a moda a todo o mundo... que figurino! Mas é bem certo: *não é o habito que faz o monge*. E lá o estão os *gebos* demostrando no campo da batalha, agora, sobejamente!

Aqui, nem os sargentos usam collarinho. Ainda um dia d'estes entrou no electrico, sentando-se defronte de mim, um primeiro sargento de infanteria, alto, espadaúdo, figura marcial e distincta. Chamei para elle a attenção d'um rapaz de 14 annos, que estava ao meu lado, e que é meu filho.

— Reparas? Não usam collarinho! Usam simplesmente gravata, golla preta, como os soldados em Portugal... *in illo tempore.*

O rapaz estava admiradissimo. — *In illo tempore,* quero dizer, antes d'eu sahir da tropa, que foi hontem, mas, pela maneira como aquillo *avança,* parece que foi no tempo em que falavam os animaezinhos e em que Deus andava a pé pelo mundo. Quando eu sahi, — e foi esse o ultimo passo a que assisti n'aquelle maravilhoso exercito que já tinha attingido taes progressos no tempo da monarchia, que se queixa agora da republica e attribue á França a culpa da demagogia, — quando eu sahi, já o bello do soldadinho, o de infanteria, é claro, que a esse me refiro, usava luvas, quanto mais collarinho.

— Luvas?

— Sim, luvas. Hoje devem usar calção, meia de seda e sapato d'entrada a baixo, como os nossos pescadores, lá d'Aveiro, e esses muito bem, na procissão de *Corpus Christi.*

O que um francez, meu amigo, se não ria, quando eu lhe contava a historia das luvas, e dos colarinhos, mas sem meias...

— Sem meias?!

— Sim, senhor, sem meias, e com um metro cubico de chulé dentro de cada bute.

O homem ia estoirando a rir. Expliquei-lhe que era só *para inglez ver,* phrase que eu já tinha revelado a uma pessoa muito illustre da Inglaterra, que lhe achou muita graça, e que, por isso, a fez circular em toda a imprensa londrina. Não sei se os patriotas me chamarão *traidor* por isto. Se chamarem, aqui me teem, assumindo a responsabilidade de tão *horrivel crime.*

Para inglez ver, moderna e espirituosa adaptação do nosso dito antigo: *por fóra cordas de viola, por dentro pão bolorento.* Para inglez ver, synthese exacta de toda essa immensa imbecilidade e de toda essa immensa hypocrisia. E não ha de um homem indignar-se com os patetas, patetas uns, farçantes outros, que ainda se atrevem a chasquear da França, e a odia-la, com odio feroz, com odio negro, porque a França é a culpada do virus da estupidez e da anarchia que elles foram os primeiros a inocular no organismo d'essa terra infeliz.

Depois de ter visitado alguns quarteis em Bordeus, em Lyão e em Clermont-Ferrand, porque eu gosto de falar com consciencia, e então observo e estudo até onde a observação e o estudo me são possiveis, passei á Suissa e á Italia, continuando n'estes dois paizes a vizitar os estabelecimentos militares, e a inquirir de coisas do exercito, não como profissional, que sempre detestei a profissão, mantendo vivo o anhelo, desde os meus vinte annos, por me ver um dia livre d'ella, o que fiz *d'uma vez para sempre,* tenho-o declarado incessantemente, sem saudades, nem o menor desejo, fossem quaes fossem as revi-

ravoltas da politica, de a ella regressar, mas como jornalista, como publicista, como homem publico, que, independente da minha curiosidade natural, tem obrigação de conhecer as instituições, os elementos dirigentes, as forças sociaes. Pedi licença para ver os estabelecimentos militares, como pedi licença para ver as escolas, desde a escola maternal até á escola primaria superior, desde a escola communal até á escola normal, desde o lyceu até á Universidade, ou fossem escolas de raparigas ou fossem escolas de rapazes, como visitei museus *de toda a casta*, como colhi informações, ainda as mais minuciosas, sobre o custo da vida, a alimentação publica, as condições das classes pobres, sem esquecer noções geraes, porque ahi não podia ir alem das generalidades, do commercio, da agricultura e da industria. Não perdi o meu tempo, como tantos outros, que, não tendo visto nem estudado nada, indifferença, desleixo, abandono, que redunda n'um crime nacional, e que, á falta de lei para o punir, bem reclamava tres duzias de palmatoadas, ainda tem a petulancia atrevida, atrevidissima, de falar sobre tudo com *superioridade.*

Foi isto o que principalmente me fez desesperar da salvação da minha patria. O portuguez bestialisou-se de tal fórma que não ha maneira, já, de o lapidar. Mergulha na politiquice, na reles, na abjecta politiquice, que é para elle um simples instrumento d'interesse ou de vaidade, e não tem ideal, elevação de pensamento, criterio, lucidez d'espirito para mais nada. Não tem prazeres moraes. Joga as cartas, arreganha os dentes, como o burro, atraz da femea, e n'isto rival do preto, é entre brancos imcomparavel, come e dorme, e ainda ninguem o excede na Europa. Comilão e dorminhoco de primeira ordem! O portuguez das classes dirigentes, é de ver, pois é d'esse que eu trato. O povo está pela força das circumstancias, mas só pela força das circumstancias, fóra d'essa regra. Mas esse, coitadito... vae pela soga!

Da Italia regressei a Paris, e em Paris pedi licença, no ministerio da guerra, licença que me foi concedida, para visitar tres quarteis, um de infantaria, outro de cavallaria, outro d'artilharia, d'aquelle commando militar. No quartel d'infantaria, *Caserne de la Pepinière*, em frente d'uma das estatuas de Jeanne d'Arc, proximo da egreja de Santo Agostinho, falei ao official de serviço, que me acompanhava, na elegancia do soldado italiano, que tanto contrastava com a impressão que o soldado francez, visto individualmente nas ruas, causava em todos os extrangeiros que o observavam.

— Isso é, replicou, um misero detalhe, que não provando nada contra a França, pode provar que o exercito italiano, não é um exercito de batalha. A elegancia impõe fatalmente uniformes por medida e apurados. Ora nós não sabemos se a hora da mobilisação bate hoje ou amanhã. Estamos preparados para todas as eventualidades. Portanto, os uniformes estão feitos. O soldado chega aqui, em

tempo de paz como mobilisado, e enfia o que melhor convenha á sua estatura e ao seu porte. Fazer fardamentos de panno fino, dispendioso alem de tudo, distinguir entre homens de baixa e alta sociedade, com o nosso serviço obrigatorio, permittir a uns elegancia e a outros não, seria absolutamente contrario ao espirito militar, seria mesmo impraticavel. Ou ainda mais, seria caricato.

Eu não tinha que responder, tinha só que concordar. Aquelles, porem, que deram luvas e collarinhos aos soldados, deixando-os a nadar em chulé dentro dos butes talvez que encontrassem argumentos contra aquella logica implacavel.

Vi trabalhar escolas de recrutas, falei detidamente com cabos e sargentos, assisti ás revistas do 14 de Julho e Vincennes, recolhendo de tudo a impressão, que muitas vezes manifestei, de que o vulgo fazia do exercito francez uma ideia muito errada. Prejudicavam-no, sem duvida, e gravemente, as especulações dos politicos e os devaneios dos ideologos. Não era um exercito capaz de vencer, sósinho, o exercito allemão, como para vencer o exercito francez teve de se juntar a Europa toda, no seculo passado. A Allemanha venceria a França, n'uma guerra singular, como venceria a Russia e a propria Inglaterra. Não tenham duvidas; e a propria Inglaterra. Mas são esses casos de circumstancia, fortuitos, que provam menos do que geralmente se pensa, e se diz, a favor ou contra o valor dos homens e das raças. A Allemanha, que soube crear uma machina militar tão formidavel, deu, por outro lado, provas d'inepcia rematada. E é isto o que a perde. Seja, porem, como fôr, certo é que no exercito francez, como no fundo de toda a alma nacional, havia uma força enorme de rehabilitação e um trabalho latente admiravel.

E, já agora, não quero concluir sem a declaração de que nem todos os portuguezes iam na corrente do disparate. Não faltaria mais nada! Conversando ainda ha poucos dias com um homem que teve ahi um papel preponderante, que foi no nosso exercito official d'estado maior muito considerado, que é dos poucos, esse, dos pouquissimos, que estudam e que sabem, e que nem por ser profundamente monarchico e catholico torna a França responsavel por toda a demagogia em que se afunda essa patria, esta França, que tendo muitos defeitos tem tambem as mais altas qualidades, e que nunca deveriamos esquecer que é um povo da nossa raça, elle me dizia a maneira intelligente como sempre viu o exercito francez e como, desde o principio, vem seguindo as peripecias da grande tragedia que se desenrola a nossos olhos.

Assim eu podesse render a muitos outros este preito de verdade!

Homem Christo

Questões Religiosas

POR

FRANCISCO VELLOZO

O pensamento de um Bispo

A entrada solemne de sua ex.a rev.ma o sr. D. Manoel Vieira de Mattos, arcebispo de Braga, na sua diocése, constitue sem duvida um dos factos mais impressionantes da vida portugeza d'este anno e dos trez anteriores, para quem se dedique a observar os acontecimentos com o proposito de d'elles saccar illações uteis para a historia da sociedade lusitana.

Assisti a ella. Ainda em meus ouvidos resoam as acclamações populares, e acompanhando o reavivar da memoria, de meus olhos não fugiram os quadros emocionantes da consagração esplendida que o illustre prelado recebeu.

Para este explendor o menor contributo foi (sem intuito de menoscabo o digo) o do prestigio do novo arcebispo, que é talvez hoje a primacial figura do nosso episcopado; o maior, esse veio do liberrimo desafogo do coração dos fieis, da explosão dos seus sentimentos, do fremito das suas vozes de jubilo, gritando a fé robusta d'uma raça. E quando do pulpito da basilica illuminada, o novo arcebispo revocou do espirito de todos as glorias da vetusta Sé, sentimos, como poucas vezes havemos de sentir, que alli se abria uma nova edade para os destinos da Egreja e se scellava o pacto supremo entre Deus e o povo! A força mysteriosa da tradicção, que tyrannêtes de feira em ares de Décios, tentaram cancellar, agita-nos, desopprimindo-nos o peito.

Foi uma clarissima prova, a d'aquelle dia, do quanto está ainda enraizada na alma portugueza a crença religiosa que a unificou. Quatro annos de despotismo intratavel e bruto, apenas conseguiram que essa crença se fortalecesse, ganhando um alento e uma contensão profundas que, ao menor gesto de paz, havia de manifestar-se, como em Braga, com um vigor sem precedentes e um enthusiasmo sem limites.

Em Portugal, a crença catholica póde andar, nos cerebros populares, rebo-

cada de certo numero de ideias de algum sabor pagão, provenientes no geral, de uma necessidade de caracter instinctivo que o povo tem, de concretisar em actos, figuras e objectos materiaes aquillo que faz a sua convicção, e que a sua imaginação cria.

Na maior parte das vezes, isto que para muitos espiritos-fortes é apenas um acervo de preconceitos, forma uma florescencia de legendas mysticas, a tradição commovente que rodeia as egrejas portuguezas e faz como que de provincia para provincia as romarias e devoções apresentem diversos aspectos.

Ainda ha pouco tempo, em França se debateu este assumpto do tradiccionalismo religioso do povo, a proposito da authenticidade de um culto existente na diocese de Chartres que a critica historica desejava bannir.

Em Portugal tudo isto é frequente. Mas o certo é que no fundo, o nosso povo, tem como poucos uma crença arreigada.

Só assim pode explicar-se o facto de para nada ter valido ao Estado laico a perseguição torva que moveu, apoz a proclamação da republica.

Tudo o que em Portugal se faça no sentido de propagar a fé catholica, tem de apoiar-se em primeiro logar n'esse facto incontestavel da crença popular. Esta é a primeira conclusão a tirar da manifestação do dia 14, em Braga.

Mas outras existem ainda, e estas veem das qualidades dos mentores purpurados que o Pontifice colloca á frente dos rebanhos diocesanos, tiramolas precisamente das palavras com que o novo Primaz das Hespanhas definiu o seu programma.

Primeiramente ellas accusam um fervoroso culto do passado. Domina-as aquella grande verdade da Sociologia moderna, de que não devemos mudar senão appoiados em forças que não mudem. A lei da evolução envolve uma lei de constancia. O grande esforço de todas as *especies sociaes,* como diz Bourget, é durar, e se ellas evolucionam, é para se adaptarem, para conservarem os elementos essenciaes ao seu ser, modificando-os apenas segundo o meio.

No mundo religioso, estes principios teem uma realidade suprema porque a religião é acima de tudo uma ordem perfeita e portanto baseada num principio superior e intransformavel: Deus.

Transportando estas considerações ao nosso caso, vemol'as claramente adaptadas ás affirmações do egregio autistite bracharense, quando elle chama em primeiro logar as attenções dos fieis para os exemplos de fé que esmaltam a historia da diocese, afim de que, membros d'uma mesma familia, todos se conformem com elles, e subsista a cadeia invisivel e impalpavel que os une, no mesmo pensamento moral.

Elle cita quadros historicos, dando-lhes toda a côr e todo o sugestionador realce, mostra toda a grandeza das figuras dos Santos e dos Doutores que sus-

tentaram o baculo hoje empunhado por elle e as suas phrases transmittem ao povo a sensibilidade piedosa e apaixonada dos Bispos em cuja alma mais ardeu a chamma viva da caridade, a virtude sacerdotal por excellencia.

Mas, porque os veneradores do passado são os iniciadores fecundos do futuro, segundo o citado pensador, o snr. D. Manoel Vieira de Mattos extrahe d'essas licções admiraveis que a tradicção ensina, a divisa fundamental da acção religiosa que elle se propõe desenvolver. E descrevendo as ruinas que o cercam, elle aponta na formação moral e intellectual do clero a base de todas as reformas e no contacto permanente com as classes populares a condição da sua viabilidade.

Retoma para si o lemma do Pontifice que o nomeou: restaurar tudo em Christo, e prega a pratica integral do catholicismo, sem tibiezas nem desmaios, sem transigencias nem cumplicidades, austera e serena como as dos primeiros christãos.

Ao recontar os perigos, ao apontar ao longe o inimigo diabolico que avança, a sua voz com energias de heroe que morrerá no seu posto, manda cerrar fileiras, manda unir: é a necessidade d'uma organisação catholica, incontaminada d'essa observancia mechanica do culto, d'esse formulismo religioso que petrificam e estagnam a fé, necessidade que já hoje só negam os especuladores da inercia rotinaria e dos messianismos dessorados.

E o Arcebispo subiu então, ao clamal'o, a toda a altura da sua responsabilidade e estendendo a mão sobre a massa do povo, fez o juramento de cumprir o dever até ao fim. A sua alma em revolta contra a iniquidade e a tyrannia, abraçou a alma do povo que apoz quatro annos de horroroso silencio e de impaciencia suffocada tinha n'aquelle dia o primeiro momento de respiração livre...

...E o Arcebispo sorriu ao vêr-se em communhão com os seus fieis para a execução d'uma obra gigantesca que, querendo Deus, ficará viva como um sacrificio de lagrimas e sangue, na historia do catholicismo portuguez!

FRANCISCO VELLOZO.

Notas Politicas

POR

VICTOR FALCÃO

Homens de bem!

Começara a sua vida de commerciante correndo Seca e Meca, afadigadamente, para vender aos mercieiros inimigos da Saude Publica a escala toda das coisas picantes e doces que a hespanholissima cidade de Murcia anceia por exportar até ao estomago dos glotões. Consta que, mesmo aos seus amigos mais intimos, elle affirmava então que era incapaz de realizar uma falcatrua, mas, o certo, certo, é que os livros de depositos bancarios murmuraram, sobrenaturalmente, aos ouvidos de alguns boateiros profissionaes, que o conhecido commerciante da nossa praça ganhara cincoenta contos de reis em dois annos, com a mesma facilidade que sente um sequioso em escorrepichar um copo de agua fresca.

D'esse acontecimento anormal e inexplicavel para os profanos na arte complicada de enriquecer n'um apice, nasceu a convicção, que depois ficou pairando no espirito da gente crendeira da nossa terra, de que o conhecido commerciante da nossa praça era um predestinado para os altos negocios, cheios de escaninhos, que deslumbram a parvoice indigena. Houvesse ou não predestinação o que é indubitavel é que, ao fim d'outros dois annos, pouco mais ou menos, elle, já transformado em grande homem, relacionado com meio mundo, fazia uma vida de nababo quasi analphabeto, a vida que pode fazer um cavalheiro que se vê de repente, n'uma centena de mezes, de posse d'uns duzentos contos de reis, numeros redondos. E então sentiu a necessidade de *praticar o bem*, methodicamente, á sua moda...

Dispensou a sua protecção a diversos pobres diabos. Um d'elles andara n'outros tempos, de terra em terra, como um paria, a vender rendas de contrabando ás meninas espadaudas das aldeias portuguezas, e assim conseguira, passando fome, deixando-se martyrisar pelo frio, arrecadar ao canto da sua mochila de caminhante uns magros cobres, os cobres estrictamente necessarios para montar, como montou, em certa rua da cidade baixa, um arremedo d'armazem de entremeios e quejandas coisas de linha. O negocio marchava a passo de boi, sem sobresaltos no progresso lento, quando de repente o gallego armazenista sentiu infelizmente para elle, a tineta para homem rico e desatou a metter-se em barafundas de grandes compras e de grandes vendas — os jogos malabares do commercio moderno feito de probababilidades e de riscos.

Certo dia quiz pagar uma lettra. Mexeu e remexeu o cofre. Encontrou-o vazio. Arrancou mãos-cheias de cabello, desesperado. Não achou uma solução para as

suas difficuldades. Mas sentiu que n'essa altura abria a porta da sua casa um homem palavroso, falando a sua lingua desembaraçadamente. Quem era esse homem? Era o conhecido commerciante da nossa praça. Entrara alli, mettera o nariz em toda a parte, como especialista, enfiara as mãos subrepticiosamente nas prateleiras cheias de trapalhadas femininas, d'accordo com a opinião de S. Thomé, e depois fizera-se annunciar. Recebido sem tardança, não demorou a explicação da sua visita. Assumiu uns ares paternaes, protectores, charuto caro ao canto da bocca, perna sobreposta, barriga saliente, o *Yo vendi al contado* das oleographias que se topam nas estalagens provincianas, e em seguida deixou escapar dos labios esta phrase estudada e insolente:

—Estou aqui para o salvar. Consta-me que tem difficuldades de dinheiro. Quanto precisa *para não ir ao charco?*

* * *

Para não ir ao charco o armazenista precisava—duzentos mil reis. Recebeu-os das mãos do conhecido negociante da nossa praça. Pagou a lettra. Não extinguiu a tineta para homem rico. Continuou a metter-se em barafundas de grandes compras e de grandes vendas. Complicou, dia a dia, obstinadamente, a vida financeira da sua casa commercial. Foi perdendo o credito de que gozava, a pouco e pouco, á medida que, embaraçado, tinha de sollicitar dos credores a amortisação, sob pretextos inverosimeis, das facturas a pagar em prazos certos, fixados pelo uso, raramente alterados. O conhecido commerciante da nossa praça foi informado da situação anormal do seu *protegido*. Estremeceu. Perder duzentos mil reis! Não! Não podia ser... Mandou-o chamar. Recebeu-o de má catadura. Exigiu-lhe a restituição immediata do seu dinheiro. Ouviu a declaração sumida, angustiosa, de que tal era impossivel. Perdeu a cabeça. Apostrophou o collega miseravel. E, como elle proseguisse á tôa, inconsciente, aparvalhado, a narrativa soluçante das suas desventuras, consolou-o com este conselho brutal e satanico:

—Olhe: deite o fogo á casa. O dinheiro hade chegar para Você me pagar

* * *

Na madrugada seguinte as labaredas loucas de um incendio afagavam persistentemente as paredes altas de um grande predio. Viviam lá talvez duas centenas de creaturas. Todas ellas, ao escutarem o grito lancinante de alarme, arrebatadas pelo instincto indomavel da conservação, pretenderam fugir rapidamente. Algumas não poderam realizar o seu intento. Ficaram nos leitos, carbonisadas, mutiladas, feitas em torresmos. Outras, as menos serenas, as mais nervosas, as que não se deixaram chloroformisar pela ideia de que podiam ser salvas pelos bombeiros, arremessaram-se das janellas á rua, abreviando inadvertidamente a morte na ancia irreprimivel de não desperdiçar a vida. A cidade inteira, ao receber pela leitura dos jornaes a impressão vivida do arrepiante sinistro, ao saber que o incendio fôra obra propositada de um bandido, reclamou o castigo implacavel do criminoso.

Este indicou o *outro*. Ambos foram presos. E o respeitavel publico ficou surpreso quando soube que o *outro*, o que suggerira o crime, o que dera origem á grande infamia, fora nada mais e nada menos que o conhecido commerciante da nossa praça...

D'esta feita o respeitavel publico foi coherente. Mais: foi honesto. Persistiu em exigir a condemnação, á pena maxima, dos criminosos. Obrigou a imprensa, quasi toda, a fazer uma bella campanha em defeza da Justiça. E os tribunaes, apesar das solicitações de toda a ordem que lhes fizeram para que não cumprissem o seu dever, acataram a vontade popular. O incendiario, o seu mandante, o culpado directo, o culpado indirecto, o rico e o pobre, os dois bandalhos, emfim, foram recolhidos, em virtude d'uma sentença, nas cellas d'uma prisão do Estado. Alli ficaram alguns annos, como os outros, no seu logar, como os criminosos da sua laia e da sua cathegoria, amarrados á mesma corrente de ignominia, mas soffrendo, sem duvida, a decima millionesima parte das torturas que fizeram soffrer a tantas familias irmanadas na desgraça por culpa d'elles.

* * *

O conhecido commerciante da nossa praça foi ha dias restituido á liberdade. Um estadista cordeal, um homem que passa a vida a apertar as mãos de toda a gente, um cavalheiro que grita a cada passo a sua honestidade, foi quem praticou essa grande infamia? Louvado seja Deus! Sempre ha cada homem de bem...

Victor Falcão

Factos e Criticas

Principe Real

Passou no dia 21 do corrente o anniversario natalicio de Sua Alteza Real o Principe Senhor D. Luiz Filippe, barbaramente assassinado em 1 de fevereiro de 1908, por mandatarios do partido republicano e que teria completado, se fosse vivo, 28 annos.

Nas egrejas dos Martyres e da Encarnação realisaram-se missas suffragando a alma do desventurado Principe, notando-se uma extraordinaria concorrencia.

Conselheiro Luiz de Magalhães

Começa n'um dos proximos numeros a collaborar n'*A Ideia Nacional* o senhor Conselheiro Luiz de Magalhães, que Portugal inteiro estima e admira como uma das suas mais bellas figuras.

A Ideia Nacional podia ter inserido logo no 1.º numero, entre o dos seus collaboradores, o nome d'aquelle eminente estadista. Sabiamos porem que o snr. Conselheiro Luiz de Magalhães estava preoccupado com affazeres urgentes, e é principio estabelecido n'esta casa não fazer promessas que se não possam desde logo cumprir.

Agora que o nosso illustre amigo está mais tranquillo e já pode, sem grande sacrificio, escrever regularmente n'*A Ideia Nacional,* apressamo-nos a dar aos leitores esta agradabilissima noticia.

Uma iniciativa d'«A Ideia Nacional»

Partiu hontem para o Porto o nosso querido amigo e collega de redacção Victor Falcão, antigo secretario geral d'*A Restauração,* um dos jornalistas mais distinctos e vigorosos que conta a imprensa portugueza.

O snr. Victor Falcão, antigo chefe da redacção d'*A Capital* e d'*O Intransigente,* mais tarde redactor d'*O Seculo* e correspondente especial d'este jornal em Madrid, entrou para a redacção d'*A Restauração* como secretario de redacção da edição da noite, e não tardou que transitasse d'este logar para o de secretario geral a que lhe deram direito o seu talento, as suas altas qualidades de jornalista conhecendo a fundo a sua profissão e as suas raras faculdades de trabalho.

Victor Falcão não era ainda monarchico quando o chamámos para junto de nós, embora estivesse já incompatibilisado com aquelles que foram illudindo a sua boa fé, fazendo-o acreditar na sinceridade do seu patriotismo e das suas convicções republicanas. Certos de que, mais tarde ou mais cedo, elle reconheceria que só a monarchia podia resolver a tremenda crise nacional, e certos tambem da sua tantas vezes provada dedicação e lealdade, não nos importámos com esse facto e Victor Falcão foi um dos que mais contribuiram para o incontestavel successo jornalistico d'*A Restauração.*

Na noite em que o nosso jornal foi destruido ninguem foi mais corajoso e mais dedicado do que elle, e uma vez preso ninguem se manteve com mais firmeza e respondeu com mais altivez ás ameaças dos beleguins do democratismo. E foi n'essa altura, depois de ter visto de perto de que meios se servem os republicanos para inutilisar os seus adversarios, depois de ter podido apreciar a sinceridade que anima os defensores da causa monarchica, que elle escreveu, na prisão, accusado de possuir bombas de dynamite, sob a ameaça d'uma condemnação gravissima, aquella nobre profissão de fé que é a pagina mais bella da sua vida de jornalista politico e que a policia apprehendeu, á sahida da typographia, ás 3 horas da madrugada de 18 de novembro:

"Fui dos que acreditaram nas vantagens do regimen republicano. Confesso a minha culpa.

. . . .
. . . .
. . . .

Sou jornalista. Amo a minha profissão carinhosamente. Desejo mantel-a até ao fim da minha vida. Mas nunca, na imprensa, eu defenderei o arbitrio e a mentira. A minha pena rude só quer pelejar pela Liberdade. E a Liberdade hoje é a Monarchia. Nenhuma das promessas republicanas foi cumprida. N'este paiz não ha ordem, nem trabalho, nem progresso. Custa-me bem escrever estas palavras. Ellas correspondem ao desabar das minhas velhas convicções e á perda irremessivel das minhas risonhas esperanças. Mas nenhum homem de bem possue o direito de calar o que pensa e nenhum patriota póde negar o seu auxilio á causa da redempção da patria. Por isso eu fallo assim, francamente, claramente, revelando todas as minhas culpas e todas as minhas augustias.

Tenho pelos humildes e pelos que soffrem a sympathia e o respeito que elles merecem. E vejo-os desprezados pelos homens que, na vigencia da monarchia, gritavam um fingido amor pela *solidariedade humana*. Desejo que as leis reconheçam a liberdade de opiniões e estou assistindo, constantemente, á violação indecorosa dos mais rudimentares direitos individuaes praticada pelas creaturas que, antes de 5 de outubro de 1910, tentavam justificar os seus movimentos revolucionarios com a affirmativa de que em Portugal os monarchicos procuravam impedir, violentamente, a expansão legal das ideias politicas dos seus adversarios. Pretendo assistir á possivel educação civica do nosso povo, generoso e docil, e vejo esse povo arrastado pelos chefes demagogicos para o caminho do banditismo e da indignidade só existente nas pobres nações anarchisadas.

Qual é o meu dever? Cruzar os braços? Transigir com a infamia? Applaudir o crime? Não! Já não posso mais... Que os medrosos e os inconscientes continuem — se querem — ao lado dos republicanos. Eu não. Eu sou, d'óra avante, abertamente, decididamente, contra elles. Ha perigo em ser monarchico em Portugal? Ha; e se o não houvesse eu não faria hoje, em publico, a minha profissão de fé. Recolheria á minha casa modesta e alli, junto dos meus livros, procuraria esquecer a existencia do meu infortunado paiz. Os homens que emprestam a uma causa nobre o seu esforço e a sua intelligencia só quando a julgam triumphante, não praticam um acto digno, realizam uma vileza. Por isso eu procedo contrariamente. E espero que muitos outros homens de bem, que foram sinceramente republicanos secundem a minha resolução — a unica resolução que pode tomar quem não deseja ver Portugal, atascado na lama, perder os seus direitos de heroica nação autonoma!„

Victor Falcão.

Posto em liberdade por nada se ter podido provar contra elle mas ameaçado de ser preso novamente pelo governo Victor Hugo, o nosso illustre camarada partiu para o extrangeiro onde durante dois mezes acompanhou devotadamente o director d'*A Restaução* nas diversas phases d'uma enfermidade grave.

Hoje que a *A Ideia Nacional* resolveu abrir um inquerito sobre a obra e os effeitos da administração republicana por esse paiz fóra, nós não quizemos confiar essa missão que tem de ser feita sem hesitações nem tibiezes, proba e conscienciosamente, senão a Victor Falcão que certamente se desempenhará d'essa obra com aquelle brilho e aquella honestidade jornalistica que sempre o caracterisaram.

E' a cidade do Porto, onde tantas e tão graves carrapatas tem creado a inepcia republicana, que occupará primeiro as nossas attenções. O primeiro artigo d'essa serie que Victor Falcão ahi foi preparar, intitula-se *Os donos do Porto* e será publicado no proximo numero da *Ideia Nacional*, que sahe no sabbado, 27 do corrente.

Gralhas

No ultimo artigo do senhor conselheiro Ayres de Ornellas, publicado no 2.º numero d'*A Ideia Nacional* deixou a nossa revisão passar varias *gralhas*, uma das quaes importante; na pagina 41, onde se lê: "tal foi a creação da *mocidade* nacional em França durante trinta e tantas gerações de reis„, deve lêr-se: "tal foi a creação da *unidade* nacional em França durante trinta e tantas gerações de reis„.

Pedimos desculpa ao nosso eminente collaborador e esperamos que tal facto se não repita.

Arte • Elegancia. A « Contemporanea »

"Leitor: nesta mesa de trabalho onde gazetas, livros ou escriptos, tudo denuncia as maguas e os odios da batalha em que vivemos, existe sempre d'umas violetas o convivio afagante e melancolico. Assim é bom que lá de quando em quando, os

teus olhos, fatigados da politica, tranquillamente repousem sobre as coisas do mundo mais tranquillas.

Contemporanea é uma revista de arte e de elegancia, cuja breve apparição te annunciamos com alegria, certos de que ella levará ao delirio febril em que tu vives, aquelle rithmo de belleza que até no delirio é necessario, como dizia Santo Anthero de Quental.

Nigromantes da linha, theoricos da tinta e magicos da phrase, dar-se-hão nessa revista os *rendez-vous* do espirito, de forma que tu possas sem quebranto, rithmar a tua vida afadigosa e triste pelo tic tac de belleza civilisada que vive longe de ti, no grande mundo...

As paisagens distantes, os grandes poemas de pedra, — egrejas, catedraes e estatuas, e a reportagem das maravilhas sepultas na ignorancia, tudo isso ella contém para nosso gaudio, leitor. E tu verás, e nós veremos na *Contemporanea,* toda a belleza vivente, plasmada com mestria, — sonhos de poetas, vagos como libelalos fugidios, figuras de mulheres que tu conheces, trigueiras e fortes como samaritanas, loiras e esguias como caules de junco onde poisasse a graça doirada d'uma abelha...„

J. do A.

Nada melhor que este pedacinho de magica prosa de João do Amaral define a nobre revista que a iniciativa de José Pacheco, o seu bello talento e a sua larguissima cultura artistica vão lançar a publico dentro de curto praso. O requintado artista que é José Pacheco presta assim um grande serviço a este paiz, serviço que "A Ideia Nacional„ applaude de todas as suas forças.

Liga Naval Portugueza

Alguns redactores da revista de philosophia politica — *Nação Portugueza* — com a collaboração de outras individualidades competentes, promovem brevemente na Liga Naval uma serie de conferencias, versando os mais importantes assumptos que se relacionam com o problema iberico, a que veiu dar actualidade e aspecto novo, o recente livro do deputado e publicista hespanhol snr. D. José del Nido y Sejalerva, *La Union Iberica.*

As affirmações mais graves n'elle contidas com respeito ás razões de ser da nossa autonomia politica, foram pela primeira vez commentados por João do Amaral, no semanario de Coimbra *Patria Nova,* e embora tenham feito o giro da imprensa de Lisboa, em discussão mais ou menos ligeira, ainda até hoje não lhes foi dada a merecida resposta.

Isso procuram fazer as proximas conferencias, pondo em relevo a differenciação irreductivel que separa as duas nações peninsulares que podem e devem viver na melhor alliança e amizade, sem deixarem de se respeitar na sua autonomia politica que embora outras razões a não justificassem, já tinha a consagração persuasiva de oito seculos de historia.

As conferencias serão feitas em dias certos da semana e previamente annunciadas, não se observando, porém, na sua precedencia a ordem por que vão enumeradas:

O Territorio e a Raça — Dr. Antonio Sardinha (Antonio de Monforte).

A Lingua e a Arte — Dr. Hippolyto Raposo.

Economia Nacional — Dr. José Pequito Rebello.

A Lição dos factos — Luiz de Almeida Braga.

Instituições e Leis Patrias — Dr. A. Xavier Cordeiro.

Politica Militar — Tenente Vasco de Carvalho.

Diplomacia Peninsular — Alberto de Monsaraz.

José Campas

Não desconhecem os leitores d'*A Ideia Nacional* o nome que encima estas linhas e que é o d'um dos mais talentosos artistas da nova geração. O sr. José Campas, que nós conhecemos em Paris quando ali frequentava a Escola de Bellas Artes, é um *novo* de raro merito. Em Paris obteve elle assignalados triumphos e Deus sabe que altas qualidades são precisas para *marcar* em Paris, na arte, entre os milhares de nacionaes e extrangeiros que frequentam a Escola de Bellas Artes. Lá vimos os seus quadros no *Salon,* applaudidos unanimemente pela imprensa pari-

siense e não esquecemos nunca o carinho e admiração com que uma vez nos falou de José Campas, passeando, ao cahir da noite, nos seus lindos jardins da Abbaye de Gif, a illustre madame Juliette Adam.

José Campas regressou a Portugal ha cerca de dois annos, depois d'uma longa viagem de estudo nos paizes do Levante. Seguimos com interesse os seus passos e causou-nos verdadeira satisfação o vermos, quando elle inaugurou a sua primeira exposição em Lisboa, que o seu talento era comprehendido e apreciado n'este paiz, em geral tão arredio das coisas do espirito e tão indifferente pelas coisas de Arte.

De triumpho em triumpho José Campas resolveu ir ao Brazil expor os seus trabalhos e a exposição do Rio de Janeiro foi para elle uma nova victoria.

Ainda não pudemos ir ao Salão Bobone vêr os novos trabalhos do illustre pintor. Mas desde já o felicitamos, certos de que nos não espera uma desillusão, e lhe offerecemos o appoio sincero d'*A Ideia Nacional.*

A ultima abjecção

O snr. Leandrino Machado, como lhe chama pittorescamente *O Dia*, ainda mais uma vez acaba de provar que allia á mais extranha perversidade a imbecilidade mais extranha.

São innumeras as suas proezas. Todo o paiz as conhece e por isso todo o paiz execra esse miseravel hypocrita, esse ridiculo palhaço que não se limita a commetter, applaudir, incitar ou encobrir todas as infamias mas que ainda tem depois d'isso o inaudito descaramento de querer passar por homem de bem.

Todavia Leandrino Machado não é só um ente despresivel sob o ponto de vista moral. E' tambem um inegualavel imbecil, arranjando todos os dias novas carrapatas que o compromettem quando não compromettem o paiz.

A sua ultima abjecção, indo á Boa Hora para defender o Santos Maluco e o Garibaldi que assassinaram cobardemente o tenente Alberto Soares, mostra a sua solidariedade com os peores criminosos. Mas a sua declaração relativa ás reaes ou suppostas confidencias que lhe fizeram no Brazil sobre o odioso crime da rua de Santa Justa provam tambem claramente a sua espantosa inconsciencia.

Eis as suas declarações no juizo de investigação criminal:

"Que o snr. Magalhães Lima lhe tinha fallado no assumpto do tenente Soares e por isso vinha depor sobre o facto.

Que, quando embaixador de Portugal no Rio de Janeiro, um individuo o procurou a elle, Bernardino, como representante da sua patria e perante elle vinha confessar que tinha morto o tenente Soares, dizendo isto allucinadamente, e dando-lhe a impressão pela fórma como fallou, de que elle se julgava o unico culpado.

Que elle Bernardino se limitou a dar-lhe conselhos, para que não fosse no seio da colonia um elemento de discordia, e contasse com elle no que lhe pudesse ser prestavel.

Que não dizia o nome d'esse individuo, porque se tinha confiado á sua honra".

Que grande bandido e que grande imbecil!

O homem do Rhodam e da Panasqueira, o libertador do Leandro, *encobridor* de assassinos! E foi esta creatura presidente do conselho de ministros e ha-de voltar a se-lo amanhã, se não vier um raio bemdito que desfaça este regimen vergonhoso!

Ignobil especulação

Ignobil a especulação que anda fazendo com os sargentos a immunda gazeta da rua de S. Roque. Não se passa um dia em que aquelle papel não publique columnas inteiras de prosa, d'aquella prosa modelar que fez a reputação do orgão do snr. Affonso Costa, consagradas aos sargentos, incitando-os a indisciplinarem-se contra os seus superiores, a revoltarem-se contra o governo, lisonjeando as paixões dos ambiciosos *formigas* que envergonham aquella classe.

Sempre a mesma obra de demolição, de desordem, de anarchia que o partido republicano iniciou na opposição e continuou no poder.

E somos nós os perturbadores da sociedade portugueza!